

Os melhores filmes de todos os tempos - “Sight & Sound” 2022

Amir Labaki

Os documentários que estão entre os maiores filmes da história.....	1
Lista dos melhores filmes da história abraça a diversidade.....	3
Lista dos maiores filmes é um espelho da sociedade.....	5

Os documentários que estão entre os maiores filmes da história

'Um Homem com uma Câmera', de Dziga Viértov, foi primeiro a entrar na lista dos dez mais

Amir Labaki

Valor, 01/12/2022



Cena de "Um homem com uma câmera", de Dziga Viértov — Foto: Divulgação

Quando você estiver lendo esta coluna, já terá terminado o mistério em torno da nova relação dos dez maiores filmes da história do cinema segundo o levantamento com críticos e cineastas realizado a cada década, desde 1952, pela revista britânica “Sight & Sound”, editada pelo British Film Institute (BFI). Escrevendo ainda sob suspense, tendo encaminhado

em agosto passado minha lista atendendo ao gentil convite do editor Mike Williams, imagino se terá sido ampliada a presença de documentários entre os títulos mais votados.

Na relação de 2012, ainda foi tímido o reconhecimento ao cinema não ficcional, apesar de seu fortalecimento como fenômeno industrial já a partir da revolução digital da última década do século XX; do ponto de vista estético, a força inovadora do documentário se impusera desde ao menos os anos 1920, no período final da era silenciosa. Ainda assim, apenas quatro obras documentais foram eleitas entre os 100 maiores filmes dez anos atrás.

“Um Homem com uma Câmera” (1929), de Dziga Viértov (ou Vertov), conseguiu então o feito de conquistar a oitava posição, ao combinar elementos da então vigorosa escola de “sinfonias urbanas” (embora rodado em mais de uma cidade) e um radical ensaio sobre a própria atividade cinematográfica. No 29 posto situava-se “Shoah” (1985), a monumental e dilacerante radiografia do Holocausto nazista dirigido pelo cineasta francês Claude Lanzmann (1925-2018).

Presente na lista com três produções ficcionais, “Acossado” (1960), “O Desprezo” (1963) e “O Demônio das Onze Horas” (1965), respectivamente em 13, 21 e 42 lugares, o recém-falecido cineasta franco-suíço Jean-Luc Godard (1930-2022) arrebatou ainda uma vaga na 48 posição para sua série “Histoire(s) du Cinéma” (1988-1998), não um exercício histórico, mas sim uma reflexão de quase quatro horas e meia, dividida em oito partes, a um só tempo poética e política, filosófica e autobiográfica, sobre a arte cinematográfica. (A tradução integral de seu denso texto, por Zéfere, foi lançada neste ano dentro da coleção “Círculo de Poemas”, da Fósforo Editora.)

Por fim, também distinguido com a escolha em 50 lugar de seu curta experimental de ficção científica “A Pista” (1962), o francês Chris Marker (1921-2012) conquistou também a 69 posição para seu “Sem Sol” (1982), um ensaio experimental sobre tempo e memória, entre o “home movie” e o “filme de viagem”, a partir de registros rodados por ele mesmo e outros cinegrafistas, tudo sedimentado numa estrutura epistolar ficcional. Não se tratou de mera coincidência que, num levantamento entre profissionais e especialistas, três dos quatro documentários entre os 100 maiores filmes girassem em torno da própria prática cinematográfica.

A ficha caiu em 2014 e, “à luz dos incríveis sucessos recentes e do impacto cultural de vários filmes não ficcionais”, a “Sight & Sound” realizou sua primeira pesquisa exclusiva visando a mapear “o cânone do documentário”. O topo da lista não trouxe surpresas ao repetir três das obras não ficcionais destacadas pelo levantamento anterior, com “Um Homem com uma Câmera” no primeiro posto, “Shoah” no segundo e “Sem Sol” no terceiro. O episódio inaugural de “Histoire(s) du Cinéma”, intitulado “Todas as Histórias”, apareceu, contudo, apenas no 28 posto na votação entre cerca de 350 críticos, curadores e documentaristas.

A diversidade estilística da produção documental é bem espelhada pelos dez mais da lista. Sucedem-se, a partir do quarto posto, o documentário curto de Alain Resnais sobre o Holocausto, “Noite e Neblina” (1956); a influente investigação criminal de Errol Morris em “A Tênuê Linha da Morte” (1988); o pioneiro “Nanook, O Esquimó” (1922), de Robert Flaherty; a pesquisa antropológica urbana de “Crônica de um Verão” (1961), de Jean Rouch e Edgar Morin; a inédita proximidade com os personagens da escola do Cinema Direto de “Dont Look Back” (1967), de D. A. Pennebaker (8), e de “Grey Gardens” (1975), dos irmãos

Maysles, Ellen Hovde e Muffye Meyer (10); e o metacinematográfico “OS Catadores E Eu” (2000), de Agnès Varda (9).

Que a cultura do documentário se robusteceu na última década me parece evidente e salutar. É hora de interpretar como essa dinâmica foi captada pelo sismógrafo da “Sight & Sound”.

Lista dos melhores filmes da história abraça a diversidade

Novo ranking da 'Sight and Sound' inclui 11 obras dirigidas por mulheres, 7 por negros, 4 documentários e 2 desenhos animados entre os 100 favoritos

Amir Labaki

Valor, 05/12/2022



Cena de "Jeanne Dielman", de Chantal Akerman — Foto: Reprodução

A elevação ao topo do cânone dos dez maiores filmes da história de duas obras dirigidas por mulheres, “Jeanne Dielman” (1975), da belga Chantal Akerman (1950-2015), nada menos que no primeiro posto, e “Bom Trabalho” (1998), da francesa Claire Denis, no oitavo, é o maior símbolo do avanço quanto à diversidade da lista revelada no último dia 1 pelo site da revista britânica “Sight and Sound”, editada pelo British Film Institute (BFI). Há outros.

Leia mais: 'Jeanne Dielman' eleito o maior filme da história
Os documentários que estão entre os maiores filmes da história

Onze dos cem favoritos são assinados por diretoras, frente a dois no levantamento anterior de 2012. Apenas um título realizado por um cineasta negro emplacou uma vaga na lista passada, sendo sete agora. Não havia nenhum filme de animação; a nova lista apresenta dois, ambos dirigidos pelo japonês Hayao Miyazaki. Apenas quatro documentários apareciam na relação da década passada; são agora sete, com “Um Homem com uma Câmera” (1929), de Dziga Viértov (1896-1954), mantendo-se entre os dez mais, embora caindo da oitava para a nona posição.

Esse “aggiornamento” é consequência da maior diversidade e da quase duplicação do número de votantes, para cerca de 1.600 profissionais de cinema. Um segundo fator foi destacado pelo editor da revista, Mike Williams, em entrevista ao “New York Times”: “O streaming e a comunicação digital criaram oportunidades para amplificar vozes e filmes que antes eram menos vistos”.

A cobertura de fato ampliou-se, mas há espaço para crescer. África, América do Norte, Ásia, Europa e Oceania estão representados na lista, mas não há sequer uma produção da América Latina. O único título sul-americano de destaque encontra-se na relação dos “cem mais” dos 480 cineastas votantes: “O Pântano” (2001), da diretora argentina Lucrécia Martel, em 62.

Lista dos maiores filmes é um espelho da sociedade

Consagração de ‘Jeanne Dielman’ assinala ‘zeitgeist’ de fortalecimento do ‘slow cinema’

Amir Labaki

Valor, 13/12/2022



‘Jeanne Dielman’ é o mais desconhecido dos títulos a liderar historicamente a lista — Foto: Divulgação

A polêmica em torno das drásticas alterações no cânone cinematográfico na votação da crítica organizada pela revista britânica “**Sight and Sound**”, simbolizada sobretudo pela elevação ao topo de “**Jeanne Dielman**” (1975), de **Chantal Akerman**, me parece levar o jogo a sério demais. Saudei na semana passada o aperfeiçoamento do processo de votação, tornando-o mais inclusivo, mas é preciso frisar o quanto é enganosa a manchete “**The Greatest Films of All Time**” (os maiores filmes de todos os tempos).

O sismógrafo da revista britânica melhorou, mas o que registra não é um ranking de excelência cinematográfica, mas sim como a comunidade cinematográfica se vê refletida na história do cinema. Isto é, trocando de metáfora, a lista da “Sight and Sound” é sobretudo um espelho filmico da sociedade. Nada mais natural que sua nova edição repercuta intensamente o impacto da nova onda feminista após o movimento #MeToo, da renovada militância

antirracista a partir do #OscarsSoWhite e Black Lives Matter e da vigorosa campanha em favor da comunidade LGBTQA+ do século XXI.

Como argumentei no posfácio à minha lista, a ingênua, mas valiosa, intenção de produzir uma lista de “melhores filmes” da história do cinema tinha um caráter didático e pioneiro em 1952, quando o cinema e seu estudo contavam com pouco mais de meio século, mas cumpre papel bastante distinto hoje, quando o cinema avança na terceira década de seu segundo século, numa conjuntura radicalmente alterada pela revolução digital quanto à produção, distribuição, exibição, fruição e análise.

A consagração de “Jeanne Dielman”, certamente o mais desconhecido dos títulos a liderar historicamente a lista, assinala também um “zeitgeist” estético de fortalecimento do chamado “slow cinema” no século XXI, liderado por cineastas tão distintos quanto a própria Akerman e o húngaro Béla Tarr (“Satántango”), o tailandês Apichatpong Weerasethakul (“Tio Boonmee, Que Pode Recordar Suas Vidas Passadas”) e o documentarista brasileiro Cao Guimarães (“Alma do Osso”). Lembremos: em 1952, a votação era liderada por “Ladrões de Bicicletas” (1952), de Vittorio De Sica, no auge da influência internacional da escola já então em descenso nacional do “neorrealismo italiano”. E assim sucessivamente.

Lançado nos EUA em plena Segunda Guerra (1939-1945), “Cidadão Kane” (1941), de Orson Welles, sequer constava dos dez mais votados da primeira lista, certamente pelo atraso em sua recepção europeia — e quase exclusivamente europeus eram os votantes de primeira hora. Apenas no levantamento de 1962 “Kane” alcançaria o topo, mantendo-se no posto até ser desbancado em 2012 por “Um Corpo que Cai” (1958), de Alfred Hitchcock.

A obra-prima de Welles também liderou as duas primeiras votações específicas de cineastas, realizadas em 1992 e 2002, cedendo o posto para “Era Uma Vez em Tóquio” (1953), de Yasujiro Ozu, em 2012, passando para o terceiro lugar, e subindo uma posição no ranking deste ano, liderado pela primeira vez por “2001: Uma Odisseia no Espaço” (1968), de Stanley Kubrick (o terceiro mais votado entre os críticos). “Jeanne Dielman”, por sua vez, ascendeu também na votação de cineastas, passando da 107 posição em 2012 para o 4 posto agora.

Como afirma o texto introdutório da edição especial imprensa da “Sight and Sound” com o novo levantamento, “comparada às maiores mudanças sísmicas da votação da crítica, a votação de diretores permaneceu estável; 7 dos 10 mais desta década lá estavam também em 2012”.

A edição especial, com a íntegra dos votos de cerca de 1/4 dos 480 cineastas participantes, a qual teve acesso apenas após o fechamento da coluna anterior, é reveladora ainda sobre a evolução da valorização da produção documental. Um híbrido entre ficção e não ficção, o metacinematográfico “Close-Up” (1989), do iraniano Abbas Kiarostami, conquistou a melhor posição (9); o documentário mais bem posicionado entre os críticos, no 8 posto, “Um Homem com uma Câmera” (1929), de Dziga Viértov, ficou somente na 30 posição entre diretores e diretoras.

Mesmo nos votos de documentaristas é curioso constatar o raro destaque a filmes não ficcionais. A lista do decano Frederick Wiseman (“Titicut Follies”) apresenta nada menos que seis comédias, sendo liderada por três com os irmãos Marx, “Uma Dia nas Corridas” (1937), “Uma Noite na Ópera” (1935) e “O Diabo a Quatro” (1933); o isolado documentário de sua lista é “Hotel Terminus” (1988), de Marcel Ophuls.

A série “Decálogo” (1989), do polonês Krzysztof Kieslowski, encabeça a votação de Laura Poitras (“Cidadãoquatro”), que contempla porém três documentários: “Um Homem com uma Câmera”, “Caixeiro-Viajante” (1969), dos irmãos Mayles e Charlotte Zwerin; e “Don’t Look Back” (1967), de D. A Pennebaker. Já o mestre chinês Wang Bing (“A Oeste dos Trilhos”) abre sua lista com “Cidadão Kane” e elege apenas duas não ficções: “Um Homem com uma Câmera” e “Shoah”.

A íntegra dos votos dos mais de 1.600 críticos e curadores e novos recortes do levantamento serão publicados no próximo mês, online e no número de janeiro da “Sight and Sound”. Sim, há muito debate pela frente.



"Um Corpo que Cai" agora é número 2 — Foto: Divulgação

A lista dos “dez mais” da votação geral apresenta o citado “Jeanne Dielman”; “Um Corpo que Cai” (1958), de Alfred Hitchcock; “Cidadão Kane” (1941), de Orson Welles; “Era Uma Vez em Tóquio” (1953), de Yasujiro Ozu; “Amor à Flor da Pele” (2000), de Wong Kar-wai; “2001: Uma Odisseia no Espaço” (1968), de Stanley Kubrick; o já referido “Bom Trabalho”; “Cidade dos Sonhos” (2001), de David Lynch; o também citado “Um Homem com uma Câmera”; e “Cantando na Chuva” (1951), de Stanley Donen e Gene Kelly.

Metade da lista de 2012 desceu do pelotão principal, conservando-se estes cinco títulos, contudo, entre os cem mais votados. São “A Regra do Jogo” (1939), de Jean Renoir; “Aurora” (1927), F. W. Murnau; “Rastros de Ódio” (1956), de John Ford; “A Paixão de Joana D’Arc” (1927), de Carl T. Dreyer; e “8 e 1/2” (1963), de Federico Fellini.

Revelada também de forma independente apenas desde 1992, a relação dos dez favoritos dos cineastas é mais uma vez algo distinta da lista geral, além de exibir um empate tríplice em 10 lugar. Pela primeira vez, o título mais votado é “2001”, seguido por “Kane”, “O Poderoso Chefão” (1972), de Francis Ford Coppola; “Tóquio”; “Jeanne Dielman”; “Um Corpo que Cai”; “8 e 1/2”; “O Espelho” (1975), de Andrei Tarkovski; e empatados “Quando Duas Mulheres Pecam” (1966), de Ingmar Bergman, “Amor à Flor da Pele” e “Close-Up” (1989), de Abbas Kiarostami. Saíram “Taxi Driver” (1976), de Martin Scorsese, “Apocalypse Now” (1979), de Francis Ford Coppola, e “Ladrões de Bicicletas” (1948), de Vittorio De Sica, o clássico neorrealista que liderou em 1952 o primeiro levantamento da “Sight and Sound”.

O ingresso de obras do século XXI no alto do cânone geral, com os filmes de Wong e Lynch, reflete a maior representação da produção contemporânea na lista, com nada menos que oito títulos estreados desde 2000. Os mais recentes são “Retrato de Uma Jovem em Chamas” (2019), de Céline Sciamma, no 30º posto; “Moonlight - Sob a Luz do Luar” (2016), de Barry Jenkins, no 60º; “Parasita” (2019), de Bong Joon-ho, no 90o, e “Corra!” (2017), de Jordan Peele, em empate sêxtuplo fechando a lista.

Os anos 1960, a década das “novas ondas” mundo afora, destacam-se mais uma vez, com um quinto dos títulos mais lembrados. Seguem-nos de perto a década de 1950 (18 filmes) e os subestimados anos 1970 (14). A era do cinema silencioso (1895-1929) infelizmente encolheu, com apenas sete títulos e só um, “Um Homem com uma Câmera”, resistindo entre os dez mais. Em 2012 eram oito, sendo três no topo da lista, com “Aurora” na quinta posição e “A Paixão de Joana D’Arc”, na nona.

Quanto aos documentários, cumpre saudar a ampliação da presença também de obras não ficcionais femininas, além da inclusão do híbrido “Close-Up” (1989), de Abbas Kiarostami. O segundo título de Chantal Akerman na relação, somando-se ao compassado drama da solitária Jeanne, é seu belo ensaio autobiográfico “News From Home” (1977), no 52 posto. Também Agnès Varda (1928-2019) duplicou sua presença, adicionando, ao clássico da “Nouvelle Vague”, “Cleo das 5 às 7” (1962, 14 posição), seu ensaio metacinematográfico “Os Catadores e Eu” (2000, 67). Sim, o sismógrafo britânico finalmente se aperfeiçoou.